

MERGULHO NAS ENTRANHAS DA MEDICINA

O que nos propusemos a fazer nesta edição da *Revista Adusp* foi um mergulho nas entranhas da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP). A ampla reportagem da jornalista Luiza Sansão iniciada na p. 43 abre grande espaço às vítimas de abusos e crimes sexuais praticados há décadas na, talvez, mais importante escola de Medicina do país. Praticados, é bom que se diga, com a conivência da instituição, que nunca se preocupou em coibir (e muito menos em punir) os trotes violentos e as manifestações machistas, homofóbicas, racistas que têm caracterizado, de modo sistemático, a atuação de duas antigas organizações mantidas por estudantes veteranos: a fraternidade Show Medicina e a Associação Atlética.

Pesquisadores revelam como o trote violento se presta à criação de redes de poder que extrapolam o período de estudos na universidade e espraiam-se por círculos profissionais e sociais. Nesse contexto, não surpreende que crimes sexuais sejam naturalizados, na mesma medida em que as vítimas dispostas a denunciar os agressores passam a sofrer assédio moral para que se calem.

Bosi, Alfredo

O leitor está convidado a usufruir a entrevista concedida ao jornalista Paulo Hebmüller pelo professor Alfredo Bosi (FFLCH), cuja erudição dispensa comentários. Bom passeio, perdão: boa leitura!

Profissão: Professor(a)

Vale a pena conferir as difíceis condições de trabalho dos professores das redes públicas de ensino dos estados de São Paulo e Paraná, bem como as renhidas lutas travadas pela categoria. Na p. 18.

Cotas na USP, quando?

Reportagem de João Peres, Moriti Neto, Tadeu Breda e Thiago Domenici na p. 64 e instigante artigo da professora Adriana Alves (IGC) na p. 70 questionam a vetusta resistência da USP à adoção de cotas étnicas e sociais. Leitura obrigatória.

Reitoria comanda retrocesso

A que veio o mandarinato M.A. Zago-V. Agopyan? Dois anos depois da posse, não há dúvidas a respeito: o projeto é desmontar a USP tal como a conhecemos, tendo como alvos principais a dedicação exclusiva dos docentes (Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa, ou RDIDP) e o caráter público, gratuito e de qualidade socialmente referenciada. Reportagens nas p. 79 e seguintes abordam a nova “supercomissão” instituída pelo reitor para liderar a reforma do Estatuto (em contraposição à Estatuinte Soberana e Democrática reivindicada pelas entidades representativas), o *imbroglio* da EACH e a trágica situação do Hospital Universitário (HU) e do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais de Bauru (HRAC).

Emília e o regime militar

“A violência dos governantes intimidava a maioria”, recorda a professora emérita, da FFLCH e da Universidade de Yale, Emília Viotti, ao falar de sua aposentadoria pelo AI-5, em 1969, quando recebeu a solidariedade de Sérgio Buarque de Hollanda e Antonio Candido. Confira na p. 114 as declarações de Emília, grande pesquisadora do período da escravidão e uma das maiores historiadoras brasileiras.

Ponto de vista

Inauguramos nesta edição, com a publicação de um artigo do professor aposentado Francisco Nóbrega (ICB) sobre o tema da Renda Básica, a seção fixa *Ponto de Vista*, aberta a contribuições de livre escolha de leitores e leitoras, avaliadas e referendadas pela Comissão Editorial.